

CONVERSAS INÉDITAS COM

SURREALISTAS PORTUGUESES

**E**  
**S**  
**C**  
**A**  
**D**  
**A**  
**F**  
**I**  
**Q**  
**U**  
**I**  
**D**  
**A**

ANAGRAMA

PREFÁCIO ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

MARIA AURÉLIA MARCELINO

EDUARDA FEIO

TÍTULO

*Escada Líquida*  
*Conversas Inéditas com Surrealistas Portugueses*

AUTORAS

**Eduarda Feio e Maria Aurélia Marcelino**

PREFÁCIO E NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

**António Cândido Franco**

REVISÃO

**João Berhan e Maria Afonso**

CONCEPÇÃO GRÁFICA

**Rui Silva**

PAGINAÇÃO

**Rita Lynce**

IMPRESSÃO

**Guide — Artes Gráficas**

COPYRIGHT

© 2021 Eduarda Feio e Maria Aurélia Marcelino

© 2021 herdeiros de Henrique Risques Pereira

© 2021 Cruzeiro Seixas / SPA, Lisboa

© 2021 Antígona

CRÉDITOS DAS FOTOGRAFIAS

© Eduarda Feio

1.ª EDIÇÃO Setembro 2021

DL 488583/21

ISBN 978-972-608-399-3

ANTÍGONA EDITORES REFRACTÁRIOS

Rua Silva Carvalho, n.º 152, 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

[www.antigona.pt](http://www.antigona.pt)

PREFÁCIO  
NADA NEM NINGUÉM

As conversas que Eduarda Feio e Maria Aurélia Marcelino tiveram em 1978 com Henrique Risques Pereira, Mário-Henrique Leiria, Cruzeiro Seixas e Pedro Oom, e que aqui se publicam, podem por comodidade e com propriedade ser chamadas «entrevistas». Uma entrevista é como um céu coberto de nuvens: oculto o sol, revela-se a nitidez dos pormenores que a luz ofusca. Ora, em alguns momentos destas conversas — nunca isso foi tão verdade como na charla com Pedro Oom —, o sol brilha, irradiando luz e desfazendo paisagem física. Noutros, até em muitos outros, ele esconde-se, tímido e reservado, deixando subir à superfície a limpidez daquilo a que, ainda por comodidade, podemos chamar os «contornos» da História.

A situação do surrealismo em Portugal em 1978 estava longe de ser póstuma. Mário Cesariny acabava de publicar no final do ano anterior um livro capital da sua bibliografia, *Textos de Afirmção e de Combate do Movimento Surrealista Mundial*. Na Primavera de 1978, saía em Pisa o terceiro dos *Quaderni Portoghesi*, dedicado ao surrealismo em Portugal. Também em 1978 aparecia o primeiro número da revista *Sema*, quase todo consagrado ao surrealismo. E, no início de Agosto desse ano, caso não tivesse partido aos vinte e cinco anos, António Maria Lisboa completaria cinquenta anos de vida — o que levou os seus companheiros a encontrarem-se na galeria da Junta da Costa do Estoril para celebrar o meio século da sua chegada e o quartel da partida. Ainda nesse ano tinham lugar em torno de

Enrique Carlón, Rubén Cifuentes e Pedro H. Ayestarán, jovens em contacto com Cesariny, as iniciativas que conduziram alguns anos depois à fundação do Grupo Surrealista de Madrid — ainda hoje existente.

Eduarda Feio e Maria Aurélia Marcelino eram então duas jovens estudantes a terminar a licenciatura de Artes Plásticas-Pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. Assim conta a primeira num relato autobiográfico que o leitor pode encontrar no final deste livro. Desde o início da década que estava ligada a Vitor Silva Tavares e ao seu círculo, onde tinham assento muitos dos que deram e davam vida ao surrealismo em Portugal — Pedro Oom, Virgílio Martinho, António José Forte, Luiz Pacheco, Ricarte-Dácio, todos eles colaboradores em 1970 dessa excepcional antologia chamada *Grifo*. Só esse convívio no dia-a-dia com as figuras do movimento, a que junto a abertura de espírito da docente que leccionava a cadeira de Estudos de Arte, Sílvia Chicó, justifica que Eduarda Feio e Maria Aurélia Marcelino tenham apresentado um trabalho académico sobre o surrealismo em Portugal.

E digo assim, abertura, porque frequentei nessa altura a Faculdade de Letras de Lisboa e sei que era impensável aí apresentar qualquer trabalho sobre o surrealismo em Portugal. Nunca se falou de tal assunto nas aulas — os autores estudados eram os do modernismo, os do neo-realismo e os do novo romance —, e qualquer docente me recusaria, por desajustado, pouco académico e inoportuno, o sujeito, que de resto eu desconhecia em absoluto ou perto disso. Mas do velho casarão de pedra do antigo Convento de São Francisco, no cimo de uma das colinas mais arejadas de Lisboa — por onde passara já muita alteração, dos constitucionais à República, sem falar dos capitães de Abril, e onde funcionava a ESBAL —, ao recém-estreado paralelepípedo da Faculdade de Letras, mandado fazer no saloio Campo Grande por Salazar, e que no betão tinha uma sina constrangedora, ia um fosso intransponível.

No trabalho então apresentado, e que constitui o livro que o leitor tem nas mãos, há duas marcas a ter presentes: a escolha dos autores e o desembaraço do método com que são tratados. Embora houvesse um laço convival de Eduarda Feio com Vitor Silva Tavares, e com o círculo que fizera a revista *Grifo* e os vinte e cinco números da «folheca cultural» &etc., e que se ocupava então dos originalísimos livros da editora do mesmo nome, e apesar de estar em causa

uma escola, a ESBAL, cujo ensino havia sido renovado pela lufada fresca que fora a Revolução, causam ainda assim estranheza a decidida opção por um conjunto de nomes — Henrique Risques Pereira, Mário-Henrique Leiria, Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Fernando Alves dos Santos e Pedro Oom — e o processo livre e solto com que estes foram trabalhados.

Uma primeira palavra sobre os autores. Basta atentar nos nomes para percebermos que se trata duma colecção que tem um desenho próprio, uma coerência só sua e propositada. Não foi por mero acidente que foram estes os autores escolhidos, conquanto dois deles, Mário Cesariny e Fernando Alves dos Santos, tenham ficado involuntariamente de fora, o primeiro porque se escusou à conversa e o segundo, embora vivo, por não ter sido encontrado, porventura retirado que estava já num recanto do Algarve, onde anos depois morria no mais desolado esquecimento.

Esta mão-cheia de autores deu corpo na Primavera de 1949 ao grupo Os Surrealistas, que expôs pela primeira vez no antigo cinema Pathé Baby, em Lisboa, ao pé da igreja da Sé e da prisão do Aljube, em Junho desse ano, e que voltou a expor no ano seguinte na galeria da livraria A Bibliófila, na Rua da Misericórdia. Para o grupo estar completo, faltam António Maria Lisboa, desaparecido em 1953, e Carlos Eurico da Costa, que dera a raríssima poesia do livro *Sete Poemas de Solenidade e Um Requiem* (1952). Estava vivo em 1978 — Vitor Silva Tavares editava pouco depois *A Cidade de Palagüin (&etc., 1979)* — mas ficou esquecido, ao que parece por estar fora de mão e há muito se ter afastado dos antigos companheiros.

Outros houve ligados ao grupo que expôs em Junho de 1949 — António Paulo Tomaz, Carlos Calvet, João Artur da Silva ou Fernando José Francisco —, mas nenhum deles consta da fotografia que serviu de base ao trabalho de Eduarda Feio e Maria Aurélia Marcelino, tirada no dia da inauguração da I Exposição por um fotógrafo profissional. Nela apenas estão presentes os oito referidos — os seis referenciados no trabalho das duas e os que há pouco indiquei, António Maria Lisboa e Carlos Eurico da Costa —, que são com toda a certeza o que de mais exaltante e valioso deu à costa na primeira vaga do surrealismo em Portugal. O restante desse primeiro alevantamento, o Grupo Surrealista de Lisboa, é hoje pouco mais do que matéria residual — e dizer *residual* é já favor. Parece-me por isso certeiríssima a opção que levou a tomar como referência os que

expuseram em Junho de 1949 na sala da Rua Augusto Rosa e que figuram na fotografia da inauguração.

Uma segunda palavra para o processo de construção dos materiais. Aceite como trabalho de investigação numa cadeira do último ano da licenciatura em Artes Plásticas-Pintura, o que implicava a sua classificação quantitativa, uma nota de zero a vinte, era natural que o trabalho seguisse os normais procedimentos académicos, em geral soporíferos e insuportáveis, com as questões típicas da vírgula, do ponto, da citação e da bibliografia. Não foi assim. As autoras contaram de novo com a abertura da docente, que deixou cair os tiques característicos do trabalho académico para acolher um processo inovador — a conversa com os implicados —, que tinha a vantagem de mostrar o tom da fala de cada um ao mesmo tempo que restituía a situação geral em que o conjunto se encontrava trinta anos depois do arranque colectivo do grupo Os Surrealistas, nascido no final de 1948 com a saída de Mário Cesariny do Grupo Surrealista de Lisboa e o seu encontro com António Maria Lisboa.

É provável que se outro houvesse sido o método, mais de acordo com os processos da historiografia da arte da época, mais epocal e académico, o resultado ficasse muito aquém da linha que alcançou e o interesse do trabalho fosse hoje nulo, como nulo é quase tudo o que então saiu das universidades portuguesas no que ao surrealismo diz respeito. As academias valem o seu peso em cimento, não em leveza; têm excesso de ordem para poderem voar.

Assim como ficou, o trabalho de Eduarda Feio e Maria Aurélia Marcelino tem o sumo interesse de nos restituir o brilho do sol genial que por momentos cintilou nesta geração — aprecie o leitor a graça da palavra de Mário-Henrique Leiria, ponto alto do conjunto, tanto mais que são raríssimas as entrevistas que deu — e ainda de nos entregar, três décadas após o seu aparecimento entre nós, uma perspectiva histórica e crítica desse movimento chamado surrealismo, que foi porventura, mesmo com as limitações que se lhe queiram apontar, a mais empolgante e viva aventura poética do século xx português.

António Cândido Franco

## Índice

<b>PREFÁCIO</b>	
<b>NADA NEM NINGUÉM</b>	5
António Cândido Franco	
<b>CRITÉRIOS DE EDIÇÃO</b>	9
<b>HENRIQUE RISQUES PEREIRA</b>	13
<b>MÁRIO-HENRIQUE LEIRIA</b>	19
<b>MÁRIO CESARINY</b>	53
<b>CRUZEIRO SEIXAS</b>	57
<b>FERNANDO ALVES DOS SANTOS</b>	65
<b>PEDRO OOM</b> — Conversa com um surrealista morto	71
<b>POSFÁCIO</b>	
<b>OS MEUS ANOS 70</b>	79
Euarda Feio	
<b>NOTAS BIOBIBLIOGRÁFICAS</b>	87
[personagens & grupos referidos]	